

**TRADUÇÃO: A NEUTRALIDADE ARMADA OU SOBRE A MINHA POSIÇÃO
COMO UM AUTOR CRISTÃO NA CRISTANDADE***
(SØREN KIERKEGAARD)

POR: MARCIO GIMENES DE PAULA

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS:

A IRONIA DE UMA NEUTRALIDADE ARMADA

O texto *A Neutralidade armada* de Kierkegaard data de 1848, mas foi publicado, postumamente, em 1880. Como se pode notar, o modo como o pensador dinamarquês aqui escreve possui clara afinidade com sua outra célebre obra, a saber, *O Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*, escrita no mesmo período, e igualmente

* A presente tradução baseia-se no texto dinamarquês *Den bevæbnede Neutralitet eller Min Position som christelig Forfatter i Christenheden*, presente nos *Søren Kierkegaards Skrifter* [Escritos de Søren Kierkegaard], disponível em <http://sks.dk/forside/indhold.asp>, acessado em 14.06.2021. Também utilizamos, como comparação, traduções já realizadas para o inglês, francês, italiano e espanhol, conforme citadas abaixo. KIERKEGAARD, S.A. *The Point of View- on my works as an author/ The Point of View for my work as an author/Armed Neutrality*, trad. Howard V. Hong and Edna H. Hong, Princeton University Press, New Jersey, 1998, pp.129-141. Esta edição apresenta ainda uma seleção dos Diários de Kierkegaard com referências ao texto *A Neutralidade Armada* (pp.299-302). KIERKEGAARD, S.A. *ŒUVRES COMPLÈTES – L'École du Christianisme/La Neutralité Armée/Un Article/ Sur Mon Oeuvre d'Écrivain*, traduction Paul-Henri TISSEAU et Else-Marie JACQUET-TISSEAU, Éditions de L'Orante, Paris, 1982, pp.235-248. KIERKEGAARD, S.A. *La Neutralita'Armata e Il Piccolo Intervento*, a cura di Mariano Cristaldi e Gregor Malantschuk, trad. di Nicola De Domenico e Pina Zaccarin Lauritzen, M. Sortino Editore, 1972, pp.127-159. KIERKEGAARD, S.A. *La neutralidad armada o Mi posición como escritor cristiano en la cristiandad*, traducción, prólogo y notas de Anna Fioravanti. Agradeço a Anna Fioravanti, que tão gentilmente compartilhou conosco sua tradução ainda inédita para o espanhol.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

publicada, postumamente, em 1859. Em outras palavras, pode-se perceber na *Neutralidade armada* uma atmosfera bastante parecida com a do *O Ponto de vista*. O que, inclusive, nos leva a perceber que *A Neutralidade armada* pode até mesmo ser vista como um adendo ao *Ponto de vista*¹.

Contudo, não se trata apenas disso, a obra igualmente poderia ser lida lado a lado com o texto *O Indivíduo* (escrito em 1846 e publicado postumamente em 1859) e com os *Dois pequenos tratados ético-religiosos* (1849). Se pensarmos que o *Pós-Escrito às Migalhas filosóficas* (1846) se constitui num ponto de inflexão na obra do autor dinamarquês, isto é, a partir daqui o autor parece, com os naturais limites, se desvencilhar – ou tentar se desvencilhar – da capa do poeta para claramente mostrar-se como um autor religioso, talvez tenhamos na presente obra um ponto muito elevado nesse sentido, aquilo que o coloca como um autor religioso no seu mais alto grau.

Kierkegaard, entretanto, parece usar aqui, tal como fará em muitas de suas outras obras como, por exemplo, no *Instante* (1854-55), uma estratégia claramente socrática, isto é, aqueles que parecem ser cristãos – e assim se denominam – devem mostrar aos demais o que isso significa essencialmente. Ele percebe o cristianismo como um dos mais altos ideais que um ser humano pode viver mas, ao mesmo tempo, percebe quão longe ele próprio está de tal ideal. Por isso, no seu entender, nunca poderá assumi-lo plenamente, mas antes o terá sempre como um ideal diante dos olhos. Entretanto, é bom que se tenha claro que o pensador de Copenhague não está aqui refutando a possibilidade de ser cristão, apenas a toma em tão alto grau que se vê na condição de não poder assumi-la por si mesmo.

Nesse contexto é que compreendemos aqui suas afirmações acerca do martírio e da distinção que há entre alguém ser mártir efetivamente – tal como ocorreu no cristianismo dos primeiros séculos – e alguém sofrer por sua posição poética acerca do cristianismo, o que ele parece julgar que era o seu posicionamento. O texto tece igualmente uma crítica não apenas ao cristianismo oficial do seu tempo representado, por

¹ Ricardo Quadros Gouvêa defende tal posição. GOUVÊA, R.Q. *Paixão pelo Paradoxo – uma introdução a Kierkegaard*, Novo Século, São Paulo, 2000, pp. 260-261. A mesma tese é defendida por Stephen Backhouse: BACKHOUSE, S. *Kierkegaard – uma vida extraordinária*, Thomas Nelson, Rio de Janeiro, 2019, pp. 257-258.

exemplo, nas figuras de H. L. Martensen e Mynster, que serão personagens centrais nas críticas dos fascículos do *Instante*, mas há igualmente uma crítica aos que se julgavam mais cristãos do que os demais ou, ainda pior, julgavam ser eles próprios o modelo do ideal do cristianismo o que, em geral, levava ao fanatismo, algo muito distante daquilo que uma mente dialética – e socrática como a sua – poderia aceitar como cristianismo. Desse modo, há aqui uma crítica não apenas ao cristianismo estatal mas, inclusive, a um cristianismo ao modo daquele proposto por N.F.S. Grundtvig, seu contemporâneo que fomentou a criação de uma igreja nacional e que, juntamente com seus seguidores, apontava-se a si mesmo como uma espécie de modelo. Aos olhos de Kierkegaard, nada estaria mais distante do cristianismo.

Contudo, ao perceber que vive entre cristãos e não mais entre pagãos, a neutralidade é permitida. Assim, a expressão *neutralidade armada* tem um caráter claramente irônico. Para além da existência de um aspecto político concreto da chamada *Liga dos Neutros*, ocorrida em 1780 (como esclarecemos na nota 2 da presente tradução), chamamos atenção para o quanto essas duas palavras que parecem se opor, na verdade, traduzem o cristianismo como o mais alto dos ideais e somente quem, talvez, tomou posição por tal neutralidade (o que já parece irônico...), efetivamente armou-se para o devir e para a agonia do cristianismo.

O tradutor

Tradução: A Neutralidade Armada ou sobre a minha posição como um autor cristão na Cristandade

Por esta frase “neutralidade armada”², especialmente como eu a explico cada vez mais precisamente, acredito ser capaz de caracterizar a posição que tenho tomado e esclarecido acerca do que é o Cristianismo, ou ainda melhor, o que significa ser cristão. Naturalmente, isto não pode significar que eu quero deixar em dúvida se eu mesmo sou um cristão, aspiro a isso, luto por isso, oro por isso, e confio em Deus que eu sou isso. O que eu queria e quero *prevenir* é que se tenha a impressão de que eu seria de alguma forma um cristão em um grau extraordinário, um tipo excepcional de cristão. Isso eu queria e quero *prevenir*. Mas eu queria e quero *alcançar* por meio do meu trabalho, o que eu também considero como o mais importante, que é antes de tudo deixar claro o que está envolvido em ser um cristão, apresentar a imagem de um cristão em todo o seu ideal, que é, em forma verdadeira, uma verdade radical, submetendo-me antes mesmo de qualquer outro a ser julgado por essa imagem, qualquer que seja o julgamento, ou mais acuradamente, ainda que o juízo seja este: que eu não me pareço com essa imagem. Além do mais, porque a tarefa de produzir esta imagem ideal é um trabalho cuja ênfase cai sobre diferentes qualificações de ser capaz de fazê-lo, especialmente porque deve ser feito em relação às múltiplas confusões dos tempos modernos, eu escolhi para fins de designação [da minha posição] as palavras: *neutralidade e armada*.

Não creio na verdade que se possa afirmar sem exagerar que o cristianismo, no nosso tempo, foi de todo abolido. Não, o Cristianismo existe ainda, e na sua verdade, mesmo que apenas como *ensinamento* e como *doutrina*. Aquilo que ao contrário foi

² A tradução italiana traz uma excelente elucidação a respeito da expressão: “Esta expressão usada pela primeira vez por volta de 1780, denota a atitude assumida pelos Estados que aderiram à assim chamada *Liga dos Neutros* (Dinamarca, Suécia, Prússia e Rússia) nos confrontos das potências marítimas e, em particular, da Inglaterra. A aliança foi desfeita em abril de 1801, em seguida a derrota prematura da Dinamarca a serviço da frota inglesa, no curso da guerra que eclodiu na época do domínio de Napoleão Bonaparte” (nota 1, p.170). De igual modo, Anna Fioravanti, tradutora argentina, nos lembra que “Como conceito, aparece em *Journalen FF:200*, entre agosto-setembro de 1838, pouco antes da sua publicação de *Afen endnu Levendes Papirer [Dos papéis de alguém que todavia vive]*, SKS, 1. Nessa citação dos *Diários*, diz Kierkegaard: ‘Minha postura é a neutralidade armada’. É possível que tenha tomado a mesma postura em 1846, quando em *Papirer*, 349:1-5, com o título *A neutralidade armada*, faz uma crítica a Grundtvig e seus seguidores, sem dar maiores explicações” (nota 1, sem página) [Nota do tradutor, doravante NT].

abolido e esquecido (e isto se pode dizer sem exagerar) é o ser cristão, o significado de ser cristão, isto é aquilo que se perdeu, aquilo que, por assim dizer, não existe mais, é a imagem ideal do ser cristão.

Que a coisa seja assim, se pode imediatamente ver pela natureza da confusão. 1) A Cristandade é uma instituição. Isso confunde as ideias, visto que é verdadeiramente impossível ser cristão nesta forma. Na verdade, uma instituição, como autêntico palco da religiosidade, confere a todas as determinações cristãs, uma perspectiva não cristã, conciliante em direção ao finito, enquanto a autêntica perspectiva cristã, em cada determinação cristã, se opõe polemicamente ao finito, é revolta, além disso, com a eternidade. A piedade quietista é piedade judaica³, a piedade do cristão é piedade militante (em primeiro lugar como luta dentro de si e contra si para tornar-se cristão e, em segundo lugar, como luta contra a oposição e a perseguição do mundo por causa do próprio cristianismo). 2) Cada determinação decisiva do ser cristão tem lugar segundo um princípio dialético ou refere-se de outro modo à dialética. A confusão consiste em tê-lo completamente esquecido com auxílio do momento científico, que queria anular o momento dialético. Em tal modo, ao invés de superar o Cristianismo originário, como nós suporíamos⁴, temos retornado todo o Cristianismo à esfera estética. O ser aí, o existir (a singularidade)⁵ residem no momento dialético. Aquilo que a especulação chama unidade, vem alcançado na eternidade; na temporalidade, ao invés, de somente por algum instante. Permitindo que se suprima, sem mais, o momento dialético na existência do singular, são eliminadas todas as boias, se me é lícito exprimir-me assim, que assinalam a presença do ser cristão. É possível que a Cristandade presente seja a forma de Cristianismo mais perfeita que jamais foi vista, mas é também possível que ela não seja senão mundanidade absoluta⁶. 3) O meio mesmo do ser cristão foi transposto da esfera ética e existencial para

³ A tradutora argentina nos recorda, com extrema propriedade, que Kierkegaard fará menção a essa piedade judaica no *Diário NB 13:13* (setembro-outubro de 1849). Ali ele construirá uma crítica a tal piedade por julgar que ela espera algum tipo de reconhecimento nesse mundo. Por isso, ao comparar a piedade quietista do cristianismo do seu tempo com tal tipo de piedade judaica o que se faz, na verdade, é uma crítica violenta ao próprio cristianismo [NT].

⁴ A tradução francesa citada, percebe aqui o uso de uma célebre expressão de H.L. Martensen, famoso teólogo dinamarquês, professor de Kierkegaard e herdeiro da cátedra episcopal de Mynster (p. 236, nota 7) [NT].

⁵ No texto original aparece *det Enkelte*, conceito muito importante em toda a obra kierkegaardiana e usado sempre para enfatizar aquilo que concerne ao indivíduo singular, ao simples indivíduo [NT].

⁶ No texto original *Verdslighed* (mundanismo ou mundanidade). Tal conceito é de fundamental importância em toda a obra kierkegaardiana e, principalmente, faz o contraponto ao que o pensador dinamarquês tomava como paganismo [NT].

aquela do intelecto, da metafísica e da fantasia. Criou-se uma relação mais ou menos teatral entre a condição de pensar o Cristianismo e aquela de ser cristão e, deste modo, aboliu-se o ser cristão.

É necessário, portanto, colocar em relevo sobretudo a imagem ideal do ser cristão, a fim de que essa possa mostrar-se como tarefa, como sinal, a fim de que possa, de outra parte, romper com todo o seu peso a presunção do querer ir além do ser cristão. Algo que somente pode ser explicado pelo fato de que se esqueceu o que é ser cristão.

Esta é a imagem ideal que sou forçado e que ainda me esforçarei em apresentar. O leitor tenha um pouco de paciência e não se apresse a julgar ou a criticar em que medida o indivíduo singular serve para ilustrar esta imagem. O meu trabalho não tem sido desde o princípio apressado, uma correção imprudente, geradora da mais total confusão, nem um remendo de pano novo sob um hábito velho⁷. Paciência portanto – e eu tenho talvez um certo direito de exigí-la, pois uma paciência ainda maior é necessária para realizar a obra, paciência portanto, e atenção!

Isto era e permanece sendo a minha tarefa: apresentar a imagem ideal do ser cristão sob todos os aspectos: dialético, patético (nas diversas formas do *pathos* psicológico, modernizado por uma constante referência à Cristandade moderna e pelos erros da ciência. (Jesus Cristo mesmo é naturalmente o Modelo, e continuará a sê-lo, inalterado, até o fim. Mas Cristo é também muito mais do que um modelo; ele é objeto da fé. Na Sagrada Escritura ele vem apresentado frequentemente como tal; esta é a razão pela qual ele é apresentado mais no ser que no devir ou, ao invés, somente no ser. Por isto faltam também todas as determinações intermediárias, coisa da qual é certo qualquer um, em humildade e adoração, teria com seriedade tentado regular a sua vida segundo o modelo. De outra parte, o Cristianismo imutável é também ele sujeito, no tempo, as modificações conexas às mudanças do mundo. Não quero é certo sustentar que o Cristianismo, através de tais modificações, alcance um estado de melhoramento e perfeição, eu não sou assim tão especulativo. Não, a minha opinião é que o Cristianismo

⁷ Referência a duas passagens do Novo Testamento: Mateus 9,16 e Marcos 2,21 [NT].

imutável possa, de tanto em tanto, ter necessidade de garantir-se, mediante novas modificações, contra o novo e contra os novos tagarelas, que hoje estão na moda⁸. Seja-me concedido ilustrar esta situação com uma outra situação. Em tempos muito remotos, muito mais simples que os nossos, era já estabelecido o uso de redigir documentos jurídicos, estipular contratos etc. Todavia, se confrontamos um contrato dos tempos antigos com um contrato análogo de 1848, vemos que este último tem inegavelmente – e imediatamente – notáveis modificações. Que este seja melhor do que o primeiro, seria incauto precipitar-se em afirmá-lo, visto que se poderia, ironicamente, concluir que, depois de tudo, teria sido melhor se todas estas modificações não tivessem sido necessárias. Por motivos análogos são necessárias também as modificações que o Cristianismo imutável sofreu rapidamente no decorrer do tempo; elas são provocadas pelo mal ou por causa do mal, mas com vistas ao bem⁹. Mas ao modificar-se o Cristianismo modifica-se também o significado do ser cristão. Creio portanto que esta imagem ideal do cristão representa, em parte, uma certa interpretação humana do Cristo como modelo, uma interpretação que, sendo e permanecendo Cristo objeto da fé, contém todas as determinações intermediárias em relação a isto de que é derivado e coloca tudo na forma do devir, e em parte as modificações relativas às confusões passadas, de uma época determinada).

Mas quem deve agora preencher isto, quem deve traduzir na realidade este modelo e mantê-lo? Se alguém chega precipitadamente indica a si mesmo e diz: “Eu, eu mesmo, sou este ideal de cristão”, nos encontramos frente ao fanatismo, com todas as suas consequências funestas¹⁰. Deus não queira que isso aconteça! Naquilo que concerne a mim, sou convicto que jamais ocorrerá. Nada mais alheio ao meu espírito do que o fanatismo e a fúria, alheio à espontânea disposição da minha natureza (dialética). Se gostariam que eu me considerasse, sob algum aspecto, uma espécie de louco, se deveria

⁸ Pode-se traduzir *i Welten* como “no mundo”, mas igualmente equivale a algo como “estar na moda”, que foi nossa opção [NT]. A tradutora argentina chega a afirmar que a expressão dinamarquesa *være i Welten* é uma expressão idiomática para estar na moda, ser popular [NT].

⁹ Kierkegaard publica, no ano de 1855, o célebre discurso *Guds Uforanderlighed* [A imutabilidade de Deus] (Kierkegaard). É instigante notar que tal tema sempre o instigou, como se pode perceber aqui.

¹⁰ *Sværmeriet*, tal como aparece no texto original, pode ser tomado por “fanatismo”, como traduzem os Hong e a tradução italiana por nós citada. Contudo, pode também ser igualmente “exaltação”, como faz a tradução espanhola, ou ainda “quimera”, como fazem os franceses, mas o termo parece mais distante. O dicionário dinamarquês aponta uma proximidade com paixão *lidenskab* (paixão) ou ainda *drømmerie* (sonhar). Nossa opção é a mesma da tradução norte-americana e da tradução italiana. GARDE, A. *Danish Dictionary – English/Danish – Danish/English*, Routledge, London, 1995.

afirmar, e talvez também o tenha feito, que a minha prudência é insana, de tal modo que poderia levar os outros à loucura. E certamente, desde o início da minha atividade literária, houve de alguma parte quem, em segredo, seguia atentamente as minhas obras poéticas, à espera apenas do momento no qual eu mesmo me identificasse com a poeticidade, que me precipitasse a me revelar pelo ideal, por aquele que era esperado, etc., para unir-se a mim como discípulo e seguidor, etc. Portanto ele poderia ter sido arrastado na fúria da prudência que lhe oponho, até que, enlouquecido, não desejaria que eu fosse morto, ou afastado, no momento que, por um tipo de respeito acerca de mim, não seria capaz de fazer-se passar a si mesmo por aquilo que ele certamente mais voluntariamente, teria desejado que fosse eu. Em um modo ou no outro eu seria, portanto, motivo de impedimento para alcançar o fanatismo.

É certo que é de extrema importância que a imagem ideal do cristão seja mantida intacta em cada geração e iluminada, tendo presente as confusões da época, mas é necessário sobretudo que aquele que apresenta esta imagem não se identifique com ela, para fazer seguidores, nem se faça adorar, para posteriormente levantar-se como juiz da Cristandade, movido pela paixão terrena e profana. Não, a relação deve ser mantida sob um plano puramente ideal. Aquele que apresenta esta imagem deve ser o primeiro a humilhar-se diante dela, a confessar que, mesmo lutando dentro de si para igualar-se a esta imagem, está todavia muito longe de sê-lo. Ele deve admitir relacionar-se apenas poeticamente ou *qua*¹¹ poeta na apresentação desta imagem, mesmo que ele se relacione com isso como um cristão, no que concerne a sua pessoa, e nisso divirja da noção comum do poeta. Ele é então superior somente enquanto apresenta a imagem como poeta.

Assim não há lugar para nenhum fanatismo. O poeta, ou melhor, o poeta dialético, não se faz passar pelo ideal e ainda menos condena a um só homem sequer. Mas ele apresenta o ideal para cada um, como bem lhe parecer oportuno, confronte, em silenciosa solidão, a sua vida com ele. A apresentação do ideal não pode não ser polêmica até um certo grau, mas não é (finitamente) em direção a este ou aquele ser finito. Isso é polêmico somente infinitamente onde iluminar o ideal, não há de fazer proposta alguma, não deve tomar esta ou aquela decisão no exterior, na mundanidade.

¹¹ Latim: enquanto – Nota do tradutor, doravante NT.

Esta foi e é ainda a minha ideia para uma reforma que, independentemente do seu sucesso, se desenvolverá e se complementar-se-á em cada caso sem assembleias gerais, sem sínodos e sem votações, em síntese, sem atos profanos. No breve período da minha atividade de escritor, desenvolvi sem dúvida uma rara riqueza criativa que, ao invés de diminuir, eu sinto que cresceu. Mas nunca tive e não tenho nem mesmo agora nada a oferecer, nem mesmo uma só vírgula, a uma assembleia geral ou a uma reunião de votantes. Tenho muito a dizer e me sinto longe de estar exausto, ao contrário, sinto ter muito mais a dizer; mas nunca tive e nem tenho mesmo agora nada, nem um nadinha, que atraia a atenção do mundo pela sua novidade. Há somente uma coisa que pode deter em toda direção um vórtice ou uma vertigem, e, portanto, também uma só coisa, que pode parar o redemoinho e a vertigem, na qual – e propriamente isso constitui a vertigem em todas as suas gradações – o ideal vai gradualmente desaparecendo para perder-se totalmente ao fim – aquela vertigem que faz crer que alguém seja um bom cristão como todos os outros e assim um atrás do outro, mas somente no confronto recíproco. Uma coisa somente pode parar esta vertigem – não uma assembleia geral, nem uma votação, que não faz outra coisa senão alimentar a doença – e isso ocorre quando o indivíduo singular se ajusta sob o ideal ao invés de se perder no engano do confronto com os outros. Naquele mesmo instante ele se deteve no eterno e, ainda que lhe fosse concedido viver cem anos, não faria nunca uma proposta em uma assembleia geral.

Na apresentação deste ideal, tanto quanto me é possível o mais fiel e autêntico, patético e polemicamente verdadeiro, quero dedicar cada dia da minha vida, sem pretender nenhuma compensação, uma vez que este trabalho é também a expressão do fato de que fui detido pelo ideal. Mas, como já disse, não sou possuído pelo ideal, nem sou identificado com isso. Estou ao invés tão longe de sê-lo que talvez, em toda a minha vida, não serei capaz nem mesmo de desvelá-lo e bem apresentá-lo.

Humilde diante de Deus, sabendo o que quer dizer ser cristão, e conhecendo a mim mesmo, não atrevo de nenhum modo sustentar ser cristão de maneira excepcional, nem sustentar como coisa excepcional o meu ser cristão. Por exemplo, não ousarei, sobretudo no âmbito da Cristandade, expor-me ao martírio, à perseguição e ao sacrifício da vida pelo fato de ser cristão. Não se apresse em julgar estas minhas palavras, mas tome

tempo para compreendê-las, porque certamente muitos se precipitam a assegurarem ser cristãos nesta medida, de estarem prontos a morrer pela sua fé, enquanto a dificuldade está provavelmente onde menos imaginaram. Vejamos a situação. Pretende-se de mim, que estou com uma espada suspensa sob a cabeça, que declare se sou ou não cristão. A minha resposta seria: “Espero em Deus ser cristão, creio que Ele me acolherá na sua graça como cristão, etc.”. Se agora, não contentando-se com esta resposta, me fosse dito: “Tu deves dizer que és cristão ou que não o sabes”, responderei: “Não, não o digo”. E se insistissem: “Em tal caso te mataremos pois não queres responder como pretendemos”, responderei: “Por favor, não tenho nada em contrário, este martírio tem para mim a aprovação do intelecto”. Penso então não ter medo de ser morto, embora eu não me vanglorie de estar pronto a morrer e lançar-me impetuosamente ao encontro da morte; peço, portanto, ao leitor, para recordar-se que o discurso é hipotético. Isto que eu temo é o significado que a minha morte viria a ter e assumiria por causa daquilo que digo a partir de mim. Em outras palavras, eu não tenho medo de morrer, mas de falar muito de mim mesmo. Eu não escapo vilmente do martírio, mas devo compreender a mim mesmo e ser convencido pela possibilidade de legitimar a minha queda como mártir.

Se sou cristão (e isto vale também para cada indivíduo singular, se é cristão), estou em relação pura com Deus, quando afirmo (como todo indivíduo singular) que sou cristão; embora sejam homens a interrogar-me a esse propósito, e eu fale com eles, falo na realidade com Deus, e não devo então falar diversamente de como falarei com Ele. Isto significa que tão logo eu, e também todo homem singular, afirma ser cristão, é Deus quem escuta estas palavras. Não posso dizer ser cristão segundo uma medida puramente humana ou dentro dos limites de um confronto humano. Mas na presença de Deus poderei dizer: “Eu sou cristão”? Não, não seria lícito, pelo menos não para mim. E, a maior razão, não deverei nem mesmo colocar em evidência o fato de ser cristão, que viria a ser morto porque sou cristão, visto que, admitido que Deus fosse de uma outra opinião e que eu tivesse perdido o temor de Deus, teria negligenciado de dizer, falando de mim mesmo, que Deus é o juiz! Se sofresse imediatamente o martírio por haver declarado apoditicamente ser cristão, teria perdido a vida, mas isso não seria senão o mal menor, visto que não teria em absoluto terminado a partida. Suponhamos, na verdade, que encontre algumas dificuldades na vida eterna, suponhamos que tenha ousado, com

imprudência, afirmar apoditicamente, em vez de hipoteticamente e com o temor de Deus, ser cristão. Deverei compartilhar em juízo, e no dia do juízo deverei repetir que fui morto por haver declarado ser cristão. Mas, posto que isso ocorra, é na presença de Deus que eu direi ter sido cristão, que é certo, que de fato nada é mais certo, desde o momento em que fui morto por sê-lo. Mas a nenhum preço ousarei falar assim de Deus. Diante dele deverei exprimir-me com muito mais humildade: espero em Deus, que me acolha na sua graça como cristão.

Ver-se-á naturalmente que não é a minha intenção e nem mesmo da *Neutralidade Armada* eliminar os mártires ou tornar impossível o martírio. Eu não faço senão transferi-lo, mediante a reflexão, para a interioridade [enquanto não deixo que o mártir perca a cabeça pela iminente execução, a ponto de não saber mais aquilo que disse sobre sua relação com Deus, presumivelmente porque não pensa em outra coisa que não na sua execução, ao contrário, o deixo ocupado exclusivamente com sua relação com Deus, como alguém que está tão absorvido, a ponto de não se importar com a sua execução iminente]¹². Em geral não nos damos conta que o martírio é uma determinação da liberdade, que não são os outros que têm mártir em seu poder, mas que é ele a tê-los em seu poder. Eles podem matá-lo, certamente, mas ele pode, num sentido espiritual, decidir *onde* cair. É impossível constranger um homem a fazer uma afirmação se ela é contrária à sua vontade e ele está disposto também a dar a vida para não a fazer. Os homens então podem dizer: Matamos-te porque não queres afirmar isto. Ele não terá nada a objetar. Esta é a força ou o poder superior radicado na disponibilidade ao sacrifício. A superioridade de um homem é proporcionada pela sua disponibilidade ao sacrifício. Dos próprios mártires depende então o lugar onde haverá o seu martírio. Mas ser cristão diante dos outros homens, ser morto porque, segundo a própria declaração, se é cristão, pode facilmente representar o contentamento de uma paixão humana.

Imaginemos então o martírio ao qual acenei. Alguém não quer dizer: eu sou cristão, mas: espero em Deus ser cristão, etc. É dito a ele: bem, então serás executado porque não queres responder, como pretendemos. Ele responde: está bem. E desse modo

¹² O tradutor italiano recorda que no manuscrito original o texto kierkegaardiano está entre colchetes e é riscado por traços feitos com o lápis (nota 20, 171). A mesma afirmação é feita pela tradutora argentina (nota 22). No texto online, utilizado para nossa tradução, isso não é perceptível, mas fazemos aqui o registro.

é executado. Isto é um martírio. Com a morte ele abandona o mundo para entrar na eternidade – para ser julgado. No juízo consola-se pensando que Deus o acolherá na sua graça como cristão, ele não disse muito sobre si. Quanto mais aprofundada a interioridade, tanto maior o temor e tremor diante de Deus¹³. O pensamento voltado para a exterioridade preocupa-se em ter frente aos homens a coragem de ser um mártir; o pensamento voltado para interioridade preocupa-se em ter frente a Deus a coragem de ser um mártir. Aqui está o temor e tremor do mártir. Mais de um pagão teve coragem de morrer por uma ideia, mas o pagão não tinha temor e tremor na relação com Deus. A idealidade, em relação ao ser cristão, é pois sempre a interiorização. Quanto mais idealmente vem concebido o ser cristão, tanto mais interior e tanto mais difícil torna-se ser cristão. O ser cristão sofre assim uma transformação, que eu quero ilustrar com uma analogia mundana. Na Grécia havia primeiramente os sábios, σοφοί [grego- NT]. Depois vem Pitágoras e introduz a determinação da reflexão na definição do sábio, ou seja, a reduplicação¹⁴; por isso ele mesmo não se atreve dizer-se sábio, mas se denomina um φιλοσοφός [grego: filósofo - NT]. Foi um regresso ou um progresso? Ou não foi porque Pitágoras concebe mais idealmente o que significa chamar-se sábio, e as condições para isso necessárias, de modo que foi prova de sabedoria não ousar chamar-se assim?¹⁵.

Voltemos agora para a minha “neutralidade armada”. Na verdade não seria impossível que, de uma maneira ou de outra, experimentasse o martírio, mas quero também saber com exatidão onde ele está. Não afirmo ser um cristão excepcional. Penso que a minha tarefa é completamente fracassada, penso ter incompreendido a minha individualidade e todas as minhas capacidades, se me expusesse, nesta direção, a um ataque, a uma perseguição qualquer. Mas afirmo saber com singular clareza e precisão o que é o Cristianismo, o que se pode exigir do cristão e o que quer dizer ser cristão. Eu penso possuir numa medida excepcional os requisitos para expô-lo, e creio que seja meu

¹³ *Frygt og Bæven* [Temor e tremor] é o nome de uma das mais conhecidas obras de Kierkegaard, publicada em 1843. Ali, sob a pena do pseudônimo Johannes de Silentio, o pensador dinamarquês elogiará, notadamente tendo em vista a singular história de Abraão e Isaque, a fé enquanto uma paixão [NT].

¹⁴ O conceito de *Reduplikationen* [reduplicação] é muito importante em toda a obra kierkegaardiana, mas destaca-se, de modo singular, no *Indøvelse i Christendom* [Exercício do cristianismo]. Assim não parece despropositado que o próprio autor, em trechos dos seus *Diários*, afirmasse que *A Neutralidade armada* poderia ser um apêndice desta obra de Anti-Climacus. De igual modo, o conceito é bastante perceptível em *Temor e Tremor*, quando Abraão recupera o filho Isaque uma vez mais [NT].

¹⁵ A informação dada por Kierkegaard é, com muita probabilidade, extraída da *Vida e doutrina dos filósofos ilustres* de Diógenes Laércio [NT].

dever fazê-lo, uma vez que parece quase ter sido esquecido na Cristandade, e é obviamente improvável que a geração atual seja capaz de educar-se no Cristianismo. Acredito que seja o meu dever em direção à Cristandade, em direção a isso que os meus ancestrais me transmitiram e me foi confiado pelo meu pai, a cuja educação devo em grande parte a minha força de agir. A este propósito recordo muito dos mestres da minha infância e da minha adolescência, o admirável, inesquecível reitor da *Borgerdybsskole* [escola de *Borgerdyb-NT*], que, mencionando-me pouco no meu atestado de estudos, escreveu, ao invés, um elogio do meu pai¹⁶. Sou convicto de haver interpretado bem o meu dever, faço isso, visto que, dentro em breve, será raro encontrar alguém que tenha sido educado em um tão estrito Cristianismo.

Mas fazer isto sem temor, a serviço da verdade, pode expor-me facilmente à oposição dos homens que, normalmente, não veem inteiramente com bons olhos aumentar o preço ou as exigências sobre aquilo que eles creem já ser e a cujo nome não querem renunciar. Sob este terreno não pretendo evitar algum perigo, nem mesmo o extremo; assim, se a tempestade se adensa nessa direção, compreendo que o meu dever é efetivamente afrontá-la e permanecer firme no perigo. Desde que esteja claro por que lutei ou isto por quem cai, no caso que deveria cair, ou isto pelo qual sofro, no caso que deveria afrontar um sofrimento qualquer, não é por haver afirmado ser um cristão excepcional, mas sim por haver lutado no serviço da verdade. Isto significa ser cristão.

“A neutralidade armada”. Se eu estivesse lidando com pagãos, não poderia manter-me neutro, mas deveria declarar, contra eles, ser cristão. Mas vivo na Cristandade, entre cristãos, ou entre homens que se proclamam como tal. Certamente não me diz respeito, um homem, julgar os outros, ainda menos como conhecedor do coração humano, como deveria ser no presente caso. Se persistisse a proclamar-me cristão, que valor teria isso no contexto da situação? Significaria que sou cristão em oposição a cristãos, que, isto é, sou um cristão na segunda potência, o cristão excepcional. Por este motivo me mantenho neutro no que concerne ao meu ser cristão. De outra parte não posso representar uma negação do Cristianismo, visto que vivo na Cristandade e sou cristão como todos os outros, e não em oposição a eles. Em tal modelo me mantenho neutro, não em oposição

¹⁶ Kierkegaard refere-se a Michael Nielsen (1776-1846), diretor da *Borgerdybsskole*, onde ele estudou. Nielsen foi seu professor de latim e esta era uma instituição muito prestigiada na capital dinamarquesa [NT].

ao ser cristão, mas em oposição ao ser cristão na segunda potência. Para poder fazê-lo, devo ater-me a esta neutralidade. Como poderia efetivamente ser tão imprudente de dar também longamente direito a suspeita execrável que falo de mim mesmo? Ou como poderia falar, com toda modéstia, primeiro em haver buscado em todo modo evitar [fazer o possível, fazer de tudo para evitar]¹⁷ a coisa mais indecorosa e execrável, fazer crer, isto é, ser a pessoa da qual falo?

O trabalho consiste então em retratar a figura ideal do cristão, é este o terreno sobre o qual pretendo lutar. Se alguém me dissesse: “As tuas afirmações são falsas, tu tens uma ideia confusa e errônea disso que é ser cristão”, então responderei: “Explique-o e mudarei a opinião, de outro modo, como é óbvio, não mudarei nem uma vírgula”. Se os murmuradores me dissessem: “Desiste do teu propósito, retrata aquilo que tens feito, poupe-nos desta concepção que paira sobre nós enchendo-nos de terror, subir os preços assim nos levará ao desespero”, responderei: “Não, não trocarei uma vírgula, eu também conheço, por ele, a dor, mas não me atrevo e nem posso fazer de outro modo”. Oro a Deus, a respeito disso, para querer reforçar, de modo cristão, o meu coração e o meu intelecto ou reforçar-me de modo cristão, a fim de que a compaixão humana não seja obstáculo à minha obra.

Se me querem intimidar para fazer-me renunciar ao meu propósito por temor aos homens, ou me fazer tremer as mãos: Oro a Deus, para que qualquer perigo venha, em forma de perseguição cruel ou de zombaria e ridículo, me atingindo a dor no corpo e no espírito, de modo que me dê a força de não me afastar nem um fio de cabelo daquilo que tenho compreendido.

Esta é a minha ideia do juízo, que eu creio deva ser pronunciado sobre a Cristandade; não que eu ou qualquer outro homem singular devamos levantar um juízo dos outros, mas que é imagem ideal de ser cristão que julgará a mim e a qualquer um que se deixe julgar. De fato, a imagem ideal não atinge ninguém, no sentido finito; ela tem a distância infinita do ideal a respeito de todo juízo apressado e prejuízo de quem se

¹⁷ Segundo a tradução italiana citada, o texto entre colchetes foi anotado à margem no manuscrito original de Kierkegaard, o que não podemos perceber pela edição online utilizada. Mantemos o registro feito pelo tradutor.

preocupa somente das coisas terrenas, no juízo e prejuízo sobre esta ou aquela particular pessoa real. Um uso tal do ideal é já uma degradação.

É algo fortuito que eu propriamente tenha a tarefa de retratar esta imagem, mas alguém deve poder fazê-lo. Isto não me renderá honra e reputação, ou outras vantagens mundanas. Se de fato desenvolver o meu trabalho com senso de responsabilidade, o salário que receberei como poeta e pensador será análogo aos honorários que o verdadeiro cristão recebe neste mundo, mas de forma um tanto mitigada, não na forma de sofrimento porque eu sou um cristão, mas somente porque sou poeta, pensador, etc. A forma mitigada está naturalmente a demonstrar a minha imperfeição, está a provar que não sou o verdadeiro cristão. Longe de mim a puerilidade de querer demonstrar que quero o bem e o verdadeiro para obter vantagens terrenas. Não, qualquer um que deseja o bem e o verdadeiro o demonstra sempre, à maneira cristã, no modo oposto. Mesmo que eu ainda goze de uma certa reputação no mundo, não é, ai de mim, mais do que uma prova ulterior de quanto eu sou ainda imperfeito; e o fato que talvez eu vá passar razoavelmente a minha vida, numa espécie de martírio mitigado, demonstra naturalmente que eu não o levei até a perfeição.

Enfim, se uma *mente ágil*, que sabe rapidamente se é ou não cristã, achasse estranho que a pessoa que foi capaz de representar esta imagem, e que está entretida em tais pensamentos, não saiba com segurança de si se é ou não cristã, responderei: não disse isso, mas o contrário: afirmar a partir de si que se é cristão significa falar com Deus, e que, portanto, um ser humano deve falar com temor e tremor. Dito isso quero acrescentar, *in usum Delphini* [latim: para uso do Delfim-NT]¹⁸, em benefício daquela *mente ágil* (que quando fala a partir de si mesma talvez afirme ser uma daquelas naturezas mais profundas, que sentem um forte impulso em direção ao positivo, mais ou menos como se diz natureza profunda, em relação aos seres enamorados, aqueles que não trazem contentamento do ser enamorado, mas tem absolutamente falta dela.... certeza exterior), a exemplo de uma singular espécie de lentidão em uma direção mais ou menos similar. Os homens de engenho sabem, naturalmente, imediatamente e com absoluta certeza, que são homens. Agora eu ousar sustentar ter razão ao afirmar que não existem muitos homens, que

¹⁸ Tal expressão latina figurava na capa dos livros clássicos que deveriam suprimir passagens impróprias para crianças. Luís da França, príncipe herdeiro de Luís XIV, rei da França, foi apelidado enquanto tal [NT].

conheceram a alma humana como Sócrates, que, além disso, conhecia a si mesmo¹⁹. E a *summa sumarum* [expressão latina: em resumo-NT] do seu conhecimento, aos setenta anos, foi não saber com precisão se era ao menos um homem. Como se explica? Talvez por que ele gastou a maior parte do seu tempo a refletir sobre o significado do ser homem? As mentes ágeis andam tão depressa que saltam esta pergunta e supõem já conhecer a resposta – assim, de repente, temos esta estranheza (que a alguém mais lento poderia dar muito a refletir, e que poderia até tornar mais lenta uma mente ágil), isto é, um homem, que sabe com certeza ser um homem, mas que não sabe com tanta certeza o que significa ser homem. A mesma coisa ocorreu seguramente a um milhão de cristãos: eles sabiam com *exatidão* serem cristãos, mas não sabiam com *exatidão* o que significava ser cristão. Mas ainda é talvez possível, com cuidado assíduo, prolongado por longos anos, chegar a **saber** com *exatidão* o que significa ser cristão. Mas não se poderá nunca **saber** com *exatidão* se o somos, isso deve ser crido e na fé há sempre temor e tremor.



Márcio Gimenes de Paula é professor do Departamento da Filosofia da Universidade Brasília e pesquisador PQ 2 do CNPq.

Email: marciogimenes@unb.br

¹⁹ Kierkegaard claramente refere-se aqui aos diálogos platônicos *Alcebíades* 128 e *Fedro*, 229 D [NT].